
CASTRO, Rita de Almeida. *Ser em cena – flor ao vento: etnografia de olhares híbridos*. Brasília: Editora da UnB, 2012. 245 p.

Francirosy Campos Barbosa Ferreira
Universidade de São Paulo – Brasil

O diálogo profícuo entre antropologia e artes (do corpo, da poética, do teatro...) é revelado com densidade por Rita de Almeida Castro. A autora antropóloga, atriz, diretora de teatro traz aos leitores uma imensidão do universo artístico. Interessada pelo fazer teatral e sua relação com as técnicas orientais, desde pensar os estados criativos, o cotidiano e as transformações que atores se descobrem neste fazer, Rita nos propõe um caminhar pela impermanência do corpo, das vibrações corporais, por meio de um texto leve, mas denso, tecido com imagens, haikai (forma poética de origem japonesa) e *performances* que podem ser conferidas no DVD que acompanha o livro. O livro é resultado de sua tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo em 2005, sob orientação de Sylvia Caiuby Novaes.

Em sua pesquisa de campo a antropóloga-atriz partiu dos ensaios da peça *Hamlet*, no qual participava junto com o grupo de *yoga ashtanga* (práticas e exercícios espirituais chamados *anga*, “membros”), método este utilizado pelo grupo como preparação corporal, e foi se aproximando de outra prática realizada por outros membros e que, certamente, deu uma reviravolta em sua pesquisa: *seitai-ho* (*sei* = equilíbrio correto; *tai* = corpo; *ho* = técnica). *Yoga* e *seitai-ho* são práticas orientais que passaram a ser objeto de reflexão, para compreender que oriente é este vivido por atores brasileiros. Práticas corporais que apresentam outros caminhos para percepção que não segue via racional, mas ampliam e sensibilizam este corpo pré-ato, pré-cena.

Ao perceber que havia uma procura por essas práticas pelos atores, a autora passou a observar e participar intensamente, colocando seu próprio corpo como instrumento da experiência ativa. Seu diálogo com uma *antropologia das formas expressivas*, que abarca: imagem, *performance*, literatura, pode ser contemplado no livro em que, além de uma publicação belíssima de fotos

de atores em cena, há um cuidado com a poética do texto, que tece de forma cuidadosa o universo pesquisado.

Silêncio:
cigarras escutam
o canto das rochas
(Bashō)

É por intermédio deste haikai que se inicia o livro, que já deixa o leitor preparado para percorrer uma etnografia do sensível. Parte do universo oriental que contribui nesse preparo desse corpo em cena, para adentrar os ensaios de *Hamlet* e o que precede a cena.

A autora escreve:

Talvez esse processo de caminhar dos aspectos mais densos do corpo para os mais sutis seja o espaço maior de encontro entre as práticas do yogui e do ator, que muitas vezes também parte de um trabalho físico preliminar para chegar a lidar com a força da imaginação e da criação, em um plano mais sutil. (p. 81).

Mas é por intermédio do *seitai-ho* que a pesquisa ganha uma nova paisagem:

[...] esta prática definida como um conjunto de técnicas elaboradas para manter a harmonia do corpo, assegurando seus processos naturais de transformação (p. 98).

O diferencial do *seitai-ho* é a preocupação não apenas com o corpo externo, mas com o corpo interno, seus fluxos internos, a sensação interna dos órgãos e membros físicos. Aprender a lidar e reconhecer as sensações das cores e da temperatura interna do corpo. A autora contextualiza essa prática japonesa orientada no Brasil por Toshi, professor de Artes do Corpo da PUC de São Paulo.

Em diálogo com vários praticantes do *seitai-ho*, a autora vai tecendo seu texto nos possibilitando entender mais sobre a preparação do ator e das mudanças corporais que advêm de exercícios propostos. Muito se fala do ator em cena, mas pouco se fala do preparo desse, como é constituído, quais são os estados do ator.

O que Rita de Almeida Castro promove é uma antropologia dos sentidos, dando destaque aos seus interlocutores que narram suas experiências nesse fazer o corpo, que é antes desconstrução, percepção e transformação do mesmo. Participando de *workshops*, exposições, encenações, diversos universos nos quais pode ser apreendida a prática realizada por Toshi e sua esposa Ciça, Rita vai se alimentando e alimenta o leitor de uma outra forma de pensar o corpo no cotidiano e extracotidiano.

Os ventos internos que promove a autora, a transformar seu próprio corpo e nos auxiliar sutilmente a observar os nossos corpos, são reveladores de beleza e densidade... o livro tem seu ápice na *performance Fugaku-Mockado*, que parece mais uma síntese de tudo que a autora discorre em seu livro. Rita alerta-nos:

Talvez seja preciso assistir à *performance Fugaku-Mockado* como quem olha o jardim, a princípio sem prestar atenção, percorrendo com o olhar distraído as árvores, o céu... (p. 183).

Quando o livro parece terminar a autora no propõe outros caminhos, des-caminhos na sua experiência de volta a Brasília, sua pesquisa em conjunto com o marido artista plástico, possibilitando um dialogo entre a *performer* e a arte computacional. Introduzindo o espaço cênico criado por ela, *Canto das ondas*, no qual nasce o Teatro do Instante, novamente a autora apresenta suas fronteiras não demarcadas, mas misturadas entre teatro, imagem e literatura. São os fluxos que interessam, os movimentos, as trocas nesse fazer...

Estamos diante de um livro que fala de antropologia, de experiência, *performance*, corpo, sentido, fala de vida cotidiana e extracotidiana. A experiência teatral é carregada de sentidos, que são construídos, elaborados, revelados nessa bela etnografia que venho lendo passo a passo desde o início do doutorado de Rita, que, para felicidade de pesquisadores da antropologia das formas expressivas e outros interessados no sensível que perpassa o corpo, nos possibilita olhar as fotografias e os vídeos, como quem contempla um belo jardim.

Finda viagem
meus sonhos rodopiam
pelo seco descampado
(Bashō)